

Apresentação**Nas fronteiras entre saúde e política: ciência,
doenças, projetos de poder e lutas por
reparação no tempo presente****En la frontera entre la salud y la política: ciencia,
enfermedad, proyectos de poder y luchas por la
reparación en la actualidad***Adriana Carlina Alvarez¹**Dones C Janz Jr²**Luiz Alves Araújo Neto³**Natália Abreu Damasceno⁴*

¹ Investigadora del CONICET/INHUS y de la Universidad Nacional de Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina.

² Doutor em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professor Colaborador na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6240071441822344> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0524-5731> E-mail: donesjr@hotmail.com.

³ Doutor em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1620593926536388>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7965-2957>. Email: luiz.alves@fiocruz.br.

⁴ Doutora em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8972795630011253>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0808-5953>. E-mail: abreunatalia00@gmail.com.

A história da saúde, ao longo do último século, consolidou-se como um campo fundamental para compreender as formas pelas quais sociedades organizam saberes, práticas e instituições em torno da vida, do adoecimento e da cura. A historiografia contemporânea tem enfatizado que os fenômenos sanitários jamais se restringem ao domínio ascético dos laboratórios: são arenas atravessadas por projetos de poder, disputas epistêmicas e formas plurais de resistência social. Nesse sentido, investigar os meandros políticos da saúde em perspectiva histórica é também investigar a própria constituição das ordens sociais, seus mecanismos de normatização e seus horizontes de transformação.

A diversidade temporal que caracteriza este dossiê evidencia precisamente a amplitude e a complexidade dessa temática. Dos debates setecentistas sobre higiene e ordenamento urbano no mundo ibero-americano, passando pelas políticas de modernização e desenvolvimento que marcaram a primeira metade do século XX, pelas disputas científicas e técnicas em torno dos vetores de doenças e de suas ecologias, pelos conflitos e resistências institucionais diante das reformas neoliberais dos anos 1990, até chegar às experiências culturais, políticas e subjetivas que moldaram a vivência do HIV/AIDS no final do século XX, os artigos reunidos demonstram que a saúde é um terreno onde diferentes temporalidades se sobrepõem, dialogam e tensionam o presente.

A historiografia recente tem mostrado que as práticas de saúde e os discursos sobre doença são atravessados por redes transnacionais de saber, circulação de *experts*, agendas de desenvolvimento, reformas estatais, disputas por autoridade científica e experiências comunitárias de cuidado. Inserir esses processos na chave da História do Tempo Presente permite evidenciar não apenas sua continuidade, mas também seus efeitos duradouros. O presente é marcado por crises sanitárias, reconfigurações geopolíticas e múltiplas formas de mobilização social. Contudo, é igualmente atravessado pelo legado de políticas,

saberes e conflitos gestados em temporalidades anteriores: reformas bubônica que redefiniram os papéis do Estado; congressos e debates médicos que articularam ciência e projetos de desenvolvimento; campanhas de combate a vetores que conjugaram ciência, ambiente e política; resistências institucionais ao desmonte das políticas públicas; e repertórios culturais que, diante do estigma, produziram formas alternativas de narrativa, desejo e existência.

Ao reunir pesquisas que dialogam com escalas diversas — do local ao transnacional — e temporalidades que vão do Antigo Regime ao século XXI, este dossiê busca fortalecer um campo historiográfico atento à porosidade entre saúde e política e aos modos pelos quais diferentes atores — governos, profissionais, organizações multilaterais, movimentos sociais, comunidades e sujeitos dissidentes — disputam sentidos sobre vida, corpo e reparação. Mais do que mapear objetos, trata-se de iluminar processos: como se constituem regimes de verdade sanitária; como se legitimam práticas e instituições; como se produzem desigualdades e formas de violência; e como emergem contranarrativas e resistências que reposicionam a saúde como direito, arena de luta e horizonte de futuro.

É nesse encontro entre tempos, escalas e experiências que se insere o presente dossiê: como convite à reflexão crítica e como espaço para ampliar o entendimento histórico das múltiplas fronteiras em que saúde e política se entrelaçam.

O artigo que abre o dossiê, intitulado *“Endemias rurais e desenvolvimento: saúde e interpretações sociais no II Congresso Médico do Nordeste Brasileiro (1953)”* de Natália Abreu Damasceno, Rafaela da Rocha Santos e Luiz Alves Araújo Neto, investiga as relações entre saúde pública e projetos de desenvolvimento nacional, com foco específico nas discussões sobre endemias rurais nordestinas travadas durante o *II Congresso Médico do Nordeste*, realizado em 1953. Como

resultados principais, o estudo demonstra que as doenças endêmicas eram percebidas como obstáculos ao desenvolvimento econômico, gerando interpretações sociais que associavam a região ao atraso e justificavam a intervenção estatal, ao mesmo tempo que revelavam contradições entre o discurso desenvolvimentista de Vargas e a negligência sanitária efetiva nas áreas rurais, contribuindo para a estigmatização das populações locais.

Os estudos sobre a Argentina que vem a seguir iniciam-se entre o final do século XVIII e o século XXI, percorrendo a história sociocultural da saúde, a cooperação e a abordagem político-institucional. O artigo *“Las reformas sanitarias del Marques de Sobremonte en la ciudad de Córdoba, Argentina. Fines del siglo XVIII”*, de Adrián Carbonetti, Catalina Destefanis e María Guadalupe Carranza, analisa as reformas sanitárias do Marquês de Sobremonte na cidade de Córdoba (século XVIII). A investigação parte da hipótese de que tais reformas não se basearam em saberes médicos, mas foram promovidas diretamente pelo Estado com o objetivo de organizar a vida urbana e a sociedade, diferentemente do ocorrido na Europa, onde as transformações estiveram associadas à autoridade médica. Da mesma forma, sustenta-se que, embora o Estado tenha intervindo em questões sanitárias, não desenvolveu políticas destinadas à criação e manutenção de instituições de atenção à saúde.

Avançando no tempo, o saneamento rural e semiurbano apresenta-se no texto *“Los mosquitos y sus males. El caso argentino entre principios y mediados del siglo XX”*, escrito por Adriana Carlina Alvarez. Com uma perspectiva de longa duração, analisa historicamente a luta contra as doenças transmitidas por mosquitos na Argentina, centrando-se nos gêneros *Anopheles* (malária) e *Aedes* (febre amarela, dengue), desde o final do século XIX até meados do século XX. Por meio do acompanhamento de teorias científicas, investigações médicas e

políticas sanitárias, rastreia-se como evoluiu a compreensão do vetor e sua relação com o meio ambiente, até a chegada do DDT.

O século XX encerra-se com dois trabalhos que abordam o mesmo período. Em *“Cuando el “safe sex” contaminó la imaginación. Narrativas culturales, disidencias y rock durante la epidemia de VIH/sida. Argentina, 1982-1992”*, Luciana Linares analisa diversas narrativas culturais sobre o HIV/AIDS na Argentina entre 1982 e 1992, período caracterizado por incerteza, discriminação e a coexistência de discursos preventivos e outros baseados em ideias estigmatizantes sobre o contágio. No contexto do retorno democrático, da ampliação das liberdades e do protagonismo juvenil, emergiram múltiplas representações sociais, especialmente através do rock e da literatura, onde se expressaram experiências, desejos, temores e tensões ligadas à doença, que são objeto de uma análise histórica reflexiva.

O trabalho *“Entre el abandono y la resistencia: el caso del Instituto Nacional de Rehabilitación Psicofísica del Sur (INAREPS) frente a la reforma del Estado en los años noventa en Argentina (1991-1999)”*, de Juan Pablo de Ubici, observa o impacto das reformas neoliberais dos anos noventa no sistema de saúde argentino a partir de um estudo de caso. Através dele, aborda as tentativas de provincialização, os cortes orçamentários sofridos e como as políticas de autogestão geraram instabilidade institucional. A partir de diversas fontes, examinam-se as estratégias de resistência impulsionadas por trabalhadores, pacientes e sindicatos, destacando a defesa da saúde como direito e a disputa pelo papel do Estado nesse contexto.

Por fim, o artigo *“Epistemologías insurgentes: Pensamiento crítico en salud y las batallas por la soberanía sanitaria en América Latina”*, escrito por Marcela Beatriz Belardo e María Belén Herrero, examina as trajetórias do pensamento crítico em saúde na América Latina e sua influência na agenda regional desde o século XX até o cenário pós-pandêmico, analisando como atores e saberes questionam

os significados de saúde, doença e reparação em um contexto de fragmentação e crise institucional. Recupera tradições como a Medicina Social Latino-americana e a Saúde Coletiva, e, mediante uma abordagem qualitativa que combina entrevistas, análise documental e história, contribui para a compreensão das relações entre ciência, política e disputas contemporâneas pela reparação.

O trabalho que encerra os artigos, escrito por Dones Cláudio Janz Jr, “*O desastre da talidomida: a atuação da AVITE na luta por reconhecimento e reparação na Espanha*”, em que o autor investiga as dinâmicas de sofrimento social e lutas por justiça em saúde, com foco específico na atuação da Associação de Vítimas da Talidomida na Espanha (AVITE) ao longo de mais de sessenta anos. Como resultados principais, o estudo demonstra que as vítimas enfrentam uma ‘violência lenta’ caracterizada pela negligência estatal e corporativa, onde estratégias políticas, jurídicas e de mobilização pública revelam a complexidade da reparação em desastres medicamentosos, destacando a persistente assimetria de poder entre afetados, Estado e indústria farmacêutica. Junto dos artigos, a resenha *Gênero, Ativismo, Deficiência e Saúde: a história do autismo no Brasil*, elaborada por João Paulo dos Passos-Santos e Janaina Alves de Oliveira Cordeiro do Amaral a partir da obra de Bruna Lopes Alves, nos convida a compreender e percorrer os caminhos da história do autismo e da luta por direitos de mães de crianças autistas no Brasil.

Desejamos uma boa leitura!